



Harold G. Booth

Título: *O menino recompensado*

Autor: António Botto

Edição: Serviço das Bibliotecas do Agrupamento de Escolas Finisterra-Cantanhede

©2013

O texto foi adaptado para o Acordo Ortográfico em vigor e selecionado para uso exclusivo em sala de aula no âmbito da Educação Literária.

O Henriquinho e sua mãe viviam numa casa pequenina, no alto da montanha. Eram muito pobres, mas ao mesmo tempo muito ricos, porque se estimavam deveras. Henriquinho parecia o mais simpático, o mais prestável e o mais esperto dos meninos.

Infelizmente a mãe adoeceu com tanta gravidade que o filho, assustado, chamou em seu socorro a Fada do Bem.

Esta não podia deixar de acudir ao chamamento. Apareceu-lhe, e prometeu ajudar a salvar a doente.

– Mas és tu – disse ela – que pela tua coragem a poderás curar. Precisas, à custa de mil trabalhos e de mil perigos, ir buscar àquela montanha, que vês ali adiante, a planta chamada da vida. Só o suco dessa planta tem o poder de curar a doença de que sofre a tua mãe.

Sem hesitar, Henriquinho partiu. Era um consolo ver esse menino de sete anos tentar subir aonde nunca tinham conseguido chegar outros mais crescidos e mais fortes. Pelo caminho, preocupava-o a ideia de saber quem trataria da mãe durante a sua ausência; mas a Fada prometera vigiá-la, fazendo com que a enferma jamais faltasse o que fosse necessário.

A montanha parecia próxima e a final estava muito distante. Henriquinho precisou dum dia inteiro para a trepar até ao meio. Andando, andando, encontrou um corvo que caíra num laço. Apressou-se a libertá-lo e o corvo disse-lhe:

– Retribuir-te-ei o favor.

Mais longe, foi um galo que o pequeno salvou duma raposa, no momento em que esta se preparava para o comer. E o galo disse-lhe:

– Retribuir-te-ei o favor.

Depois, Henriquinho meteu uma pedra boca duma cobra para evitar que ela engolisse uma rã. E a rã, por sua vez disse:

– Retribuir-te-ei o favor.

Por fim, achou-se defronte dum rio, mas não conseguia atravessá-lo porque não havia ponte nem vau. Então o galo, que o rapazinho livrara da raposa, ofereceu-se para passar à outra margem.

Estava resolvida aquela dificuldade. E, cheio de coragem, o pequeno continuou o seu caminho.

Esse caminho era tão comprido, tão comprido, que outra criança qualquer ficaria desanimada. «Andarei cem anos, se for preciso», declarou ele a si mesmo.

Mal tinha pronunciado estas palavras, apareceu-lhe um ancião, que lhe perguntou o motivo pelo qual tanto desejava chegar ao cimo da montanha.

– Queres, na realidade, realizar o teu projecto? – Acrescentou.

Henriquinho explicou-lhe que o seu maior desejo era possuir a planta da vida para com ela curar a mãe.

– Ajudar-te-ei de boa vontade, pois sou um génio da montanha – respondeu o velho. – Com a condição, porém, de fazeres a ceifa dos meus campos. Colherás o trigo, reduzi-lo-ás a farinha, e, com esta, amassarás a maior quantidade possível de pães, que hás-de cozer no forno.

Vendo a imensidão das terras, Henriquinho teve vontade de desistir. Mas pensou na mãe doente e deitou-se ao trabalho com todo o entusiasmo. Durante cento e noventa e cinco dias ceifou o trigo; durante sessenta dias malhou as espigas; durante noventa dias moeu o grão; e durante cento e vinte dias amassou a farinha e cozeu os pães. Quando acabou, chamou pelo génio da montanha e este deu-lhe como recompensa uma boceta de pau, explicando:

– Ao voltares para casa, acharás aqui dentro tabaco como nunca viste.

O pequeno estava bastante desiludido, pois não fumava nem tomava rapé. Era, no entanto, muito bem-criado e não quis mostrar-se aborrecido. No fim de contas, satisfazia-se com o prazer de haver prestado um bom serviço.

E Henriquinho começou de novo a andar, até que encontrou uma grande muralha que parecia cercar a montanha. Contornou-a durante três dias, com a esperança de encontrar porta ou simples brecha. Em vão! «procurarei cem anos, se for necessário», disse consigo.

Apareceu-lhe então outro génio da montanha. Era desta feita um gigante formidável, que tinha uma cara assustadora enormes pelos muito pretos. Impressionado, o pequeno caiu para trás. Mas, como fosse corajoso, perguntou ao gigante se o ensinava a transpor a muralha. O génio declarou-se pronto a ajudar o viajante, se este quisesse fazer-lhe a vindima das suas terras, espremendo as uvas e metendo o vinho nas pipas.

Perante este trabalho, outro que não o Henriquinho teria logo recusado. O menino aceitou a proposta e gastou trinta dias a vindimar e noventa a fazer o

vinho. Depois disso chamou pelo génio da montanha, a fim de lhe mostrar a sua obra. O gigante provou o vinho do primeiro tonel e do último, felicitou o pequeno e ofereceu-lhe um cardo, dizendo:

– Quando voltares para casa e desejares qualquer coisa, cheira somente este cardo.

Pois Henriquinho deve ter achado que a recompensa era pouca em relação ao enorme trabalho que tivera. Mas, contente por haver prestado um bom serviço, não exigiu mais nada.

Antes de se retirar, o gigante assobiou: e logo, a este assobio, toda a extensa muralha se desmoronou.

Julgava o menino estar já muito perto da montanha, quando se viu detido por um precipício. Era tão fundo que fazia vertigens. Tentou contorná-lo, mas o precipício corria em volta da montanha inteira, e não havia forma de lhe descobrir passagem.

Então o rapazinho, pela primeira vez, sentiu as lágrimas subirem-lhe aos olhos. Sentou-se, triste e desanimado, para refletir um instante. Nessa ocasião ouviu um uivo medonho, e voltou-se: estava ali um lobo que lhe perguntou, com voz terrível, o que viera fazer aos seus domínios.

– Procuo a planta da vida – respondeu – Henriquinho. –É para curar a minha mãe. Se me ajudares a atravessar o abismo, serei para sempre teu servidor reconhecido.

– Está bem – replicou o lobo. – Ajudar-te-ei se apanhares toda a caça miúda das minhas matas, e se me fizeres, com ela, a maior quantidade possível de empadas, tortas e pastéis. Quando acabares chama por mim.

Henriquinho arranjou arco e flechas e começou a caçar. Mas como era pequeno e pouco habituado àquele exercício, não conseguiu apanhar nada. Foi então que voou ao seu encontro o corvo que ele salvara no princípio da viagem. A ave facilitou-lhe o trabalho, derrubando com o bico e com as garras toda a caça da região. O rapazinho só tinha que depenar faisões, perdizes e galinhas e assá-los, e fazer com eles pastéis, tortas e empadas.

Chamou em seguida pelo lobo, que provou aqui uma coisa, ali outra, e se deu por satisfeito.

Foi depois cortar na mata um galho de árvore, que limpou e deu ao pequeno, dizendo:

- Quando voltares a casa e quiseres ser transportado a qualquer parte, não tens mais do que montar a cavalo neste bordão: ele te levará aonde for a tua vontade. Agora, trepa-me para o dorso. Upa!

Só com um salto, o lobo transpôs o precipício da montanha.

Já se enxergava o gradeamento do jardim onde crescia a planta da vida. Que alegria para o Henriquinho!

Num dado momento teve ele a impressão de que ia cair num buraco. Deu um pulo para trás e encontrou-se diante dum fosso de extraordinário comprimento e largo demais para que ele o pudesse atravessar sem morrer afogado. Costeou o fosso na ideia de lhe descobrir o fim, mas percebeu que ele marginava por completo o jardim onde crescia a planta da vida.

Henriquinho não desanimou. Dissera-lhe o corvo que ainda haveria um obstáculo a transpor, acrescentando que as Fadas o recompensariam do seu amor filial.

Sentou-se, pois, no chão, convencido de que viria mais algum génio da montanha em seu socorro. Nesse instante ouviu miados pavorosos e daí a pouco aparecia um gato gigante a ameaça-lo com as unhas em riste.

– Que vens fazer aqui, pequeno? – Perguntou-lhe o animal. – Não sabes que sou capaz de te rasgar de alto a baixo com uma unha?

– Venho buscar a planta da vida para curar a minha mãe-disse Henriquinho. – se me ajudares a passar o fosso, farei tudo o que ordenares.

– Está bem. Pesca-me todos os peixes desta água, coze-os ou salga-os. Quando acabares, chama por mim. Gosto da tua cara. Agradam-me os que são corajosos, para quem não há dificuldades quando se trata de servir os outros.

O garoto viu junto de si linhas, redes e anzóis, e durante dez dias esforçou-se por utilizar aqueles objectos. Não conseguiu pescar um único peixe! Começava a entristecer quando viu borbulhar na água e surgir a rã que ele libertara da cobra.

– Vou salvar-te a vida como salvaste a minha – disse a rã – pois se não cumprires as ordens do gato, ele é capaz de te comer a ti. Matarei eu todos os peixes deste fosso.

Durante sessenta dias a rã executou o seu trabalho. Henriquinho só tinha que cozer ou salgar carpas ou salmões que a sua amiga lhe atirava para a margem. Por fim, o rapazinho chamou o gato e mostrou-lhe a obra acabada.

– És bom rapaz – declarou o animal – e a tua paciência há-de levar-te longe. Toma! Aqui tens uma das minhas unhas. De cada vez que a leares à testa, desaparecerá a doença, a fadiga, a velhice. E todos os que estimares poderão também beneficiar deste dom.

Henriquinho estava tão cansado que quis experimentar logo o poder da unha: e num instante ficou fresco e bem-disposto como se acabasse de se levantar da cama.

– Sobe para a minha cauda – acrescentou o gato.

E a cauda cresceu tanto, tanto, tanto que o pequeno, num abrir e fechar de olhos, se viu do outro lado do fosso.

O menino chegara ao final da caminhada. Ei-lo no jardim. Mas qual daquelas plantas era a planta da vida?

Lembrou-se do que a Fada do Bem lhe aconselhara a chamar o doutor que tratava dos canteiros de flores. Muito amavelmente, o doutor acompanhou-o até junto da planta da vida, cortou um ramo e entregou-o ao Henriquinho, recomendando-lhe que nunca se separasse dele, sob pena de não o poder encontrar mais.

Agora tinha de voltar para casa...

Acharia tantos obstáculos no regresso como os que achara à vinda? Recordou-se então de que tinha consigo o bordão do lobo da montanha, e que este o aconselhara a servir-se dele sempre que quisesse ser transportado a qualquer parte.

Upa! O rapazinho passou uma perna por cima do pau, montou a cavalo no bordão e daí a um minuto estava ao lado da mãe. Espremeu-lhe nos lábios o suco da planta da vida, e a mãe nessa mesma ocasião abriu os olhos e pediu de comer.

Entretanto, olhando para o filho, ela ficou muito admirada. Como era possível que o Henriquinho tivesse crescido tanto durante a sua doença? Na realidade, aquilo fora coisa natural, porque se haviam passado dois anos, sete meses e seis dias desde que ele partira.

Antes que o pequeno pudesse explicar, abriu-se a janela e entrou a Fada do Bem, a qual contou à doente curada como o filho se portara dignamente e todos os obstáculos que havia transposto por amor da mãe.

– Agora –acrescentou a Fada, dirigindo-se a Henriquinho – podes fazer uso dos presentes que te deram os génios da montanha.

O pequeno destapou a boceta, e saiu de lá uma quantidade de trabalhadores que, num quarto de hora, construíram uma linda casa.

– Tudo isto – declarou a Fada – se deve à paciência, perseverança de Henrique.

Disse estas palavras, despediu-se e desapareceu, depois de o pequeno lhe haver beijado a mão. A mãe de se levantar, mas nada nos armários, pois durante a doença vendera quanta roupa possuía.

Henriquinho lembrou-se do cardo que lhe oferecera o gigante e, cheirando-o, desejou ter vestidos para a mãe e fatos para si mesmo. Num instante, viu-se, como a mãe, vestido de novo dos pés à cabeça. E as gavetas ficaram de repente cheias da melhor roupa.

Como se aproximava a hora do jantar, Henrique aspirou outra vez o cardo, desejando uma boa refeição: e a mesa, imediatamente, apareceu servida de coisa apetitosas.

Depois de terem comido, a mãe e o filho arrumaram a cas. Mas como não queriam dever o pão o pão de cada dia senão ao seu trabalho, desejaram possuir ainda (e só isso) duas vacas e dois cavalos. Nunca pediram nada além do que achavam necessário ao seu dia-a-dia.

Esta história devia acabar aqui. Muitos meninos e meninas hão-de querer, todavia, saber se existe ainda o jardim onde cresce a planta da vida e se poderão chegar a té lá.

O jardim fica longe, muito longe. Para lá chegar, é precisa muita coragem e muita paciência. Deve-se aceitar a fome e a sede, esperar coisas impossíveis, trabalhar até ao fim nas tarefas mais duras. Deve-se, sobretudo, ter no coração amor pela mãe e por todos os que ajudam as crianças atravessarem felizes a sua infância. Foi o que repetiu Henrique aos outros meninos que vieram procurá-lo para lhe pedirem que lhes indicasse o caminho do tal jardim. É claro que Henrique teria podido, se quisesse, ceder-lhes os talismãs dados pelos génios da montanha: mas sabia que é melhor cada um fazer por si mesmo os esforços precisos para merecer as recompensas e considerar-se feliz.

Afinal, Henriquinho teve uma aventura de que podia falar sem fatigar nunca a atenção dos meninos e meninas que o escutavam. Só para ouvir vinha gente de muito longe. O menino contava a história com singeleza e sem vaidade, e os seus amiguinhos não se cansavam de escutar a descrição do lobo de dentes formidáveis, do gato que era grande como um tigre e tinha unhas ameaçadoras, do gigante que empunhava um bordão tão grosso como tronco de carvalho, e, sobretudo, do doutorzinho que não teria mais altura do que uma cadeira e usava lunetas encavalitadas no nariz.

Mas de quem o narrador falava com mais simpatia era da Fada do Bem. Sabia quanto ela havia socorrido e descrevia aos outros a sua beleza e a sua bondade. Ao evocar essa querida amiga, o pequeno olhava para mãe. A mãe sorria-lhe; e então, no seu relato, a cara de uma e a da outra confundiam-se, pois ser mãe é ser Fada benfeitora que, num beijo, num sorriso, pode fazer todos os milagres.